

**FAZENDO ARTE, MUITA POLÍTICA, E SONHANDO COM A  
REVOLUÇÃO: uma entrevista com Agamenon Travassos Sarinho,  
militante do PCdoB na Paraíba**

***MAKING ART, A LOT OF POLITICS, AND DREAMING ABOUT  
REVOLUTION: an interview with Agamenon Travassos Sarinho, PCdoB  
activist in Paraíba***

---

Rodrigo Freire de Carvalho e Silva\*

Gregória Benário Lins e Silva\*\*

**Apresentação**

A presente entrevista– registrada em abril de 2020 por via remota, respeitadas as restrições da pandemia da covid-19, que então apenas se iniciava– trata-se de um documento sobre a história da esquerda da Paraíba entre os anos 1960 e 1980. O entrevistado, Agamenon Travassos Sarinho, foi um dos principais militantes e dirigentes do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) no estado, sendo um dos responsáveis pela reorganização desse partido nos tempos duros da ditadura militar e da renovação da esperança trazida com a transição para a democracia no Brasil. Aparecem na fala de Agamenon as principais vicissitudes enfrentadas pelo PCdoB na sua luta contra a ditadura. Num primeiro momento, a tática do partido era de recusa à participação na institucionalidade **consentida** do regime autoritário – bem expressa na campanha pelo voto nulo nas eleições parlamentares de 1970, da qual Agamenon participou ativamente em João Pessoa – e de opção pela luta armada, através da “Guerrilha do Araguaia”<sup>1</sup>. Já no final da década de 1970, após o aniquilamento das organizações da

---

\* Professor de Ciência Política (DCS/CCHLA/UFPB). Licenciado em História (UFPB), Mestre em Ciência Política (UFPE) e Doutor em Ciências Sociais (UNB). Atualmente, é Diretor do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFPB. E-mail: rfreirecs@hotmail.com

\*\* Advogada. Bacharel em Direito (UNIPÊ) e Mestra em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas (UFPB). gbenario@hotmail.com

<sup>1</sup> A “Guerrilha do Araguaia” foi um movimento armado contra a ditadura militar organizado pelo PCdoB na região conhecida como “Bico do Papagaio”, entre os estados do Pará, Maranhão e Tocantins (então Goiás), às margens do Rio Araguaia. Sua origem está na VI Conferência do PCdoB, realizada em 1966, que apontou a luta armada como caminho para a derrubada da ditadura militar e para a revolução socialista no Brasil, assumindo a tática da “guerra popular”, resultado da influência do comunismo de matiz chinesa no Partido. Em 1969, tal opção foi confirmada com o documento “Guerra popular: caminho da luta armada no Brasil”. Assim, o PCdoB marcou diferença tanto com relação ao PCB, com o qual rompeu em 1962, que optou pela resistência pacífica à

“esquerda armada” e com o início do processo de abertura política **controlada** pela ditadura, o PCdoB alterou sua tática, priorizando a luta de massas e a participação nas eleições parlamentares, através do MDB – seja apoiando candidatos que julgava confiáveis ou usando essa legenda para apresentar candidaturas comunistas, o que ocorreu na Paraíba nas eleições de 1982. Nessa segunda fase, Agamenon assumiu a tarefa de representar na Paraíba dois “jornais alternativos” que faziam oposição à ditadura: o “Movimento” e, em seguida, a “Tribuna Operária” – esse último, órgão oficial do PCdoB. Neste momento da entrevista, ficaram evidenciadas as contradições da abertura política operada pelos militares, pois, ao tempo em que se ampliavam as possibilidades de participação da oposição, persistiam a censura – mesmo que atenuada –, as apreensões de materiais “subversivos”, a prisão de militantes de esquerda e, sobretudo, a prescrição dos partidos comunistas.

Agamenon rememorou ainda como as disputas no chamado “movimento comunista mundial” influíam no cotidiano dos militantes comunistas brasileiros, pressionados que estavam pela ditadura. Destaque-se sua predileção por usar a “Rádio Tirana” como fonte de informação. Tratava-se da rádio oficial do governo da Albânia, república socialista com quem o PCdoB mantinha relações após seu rompimento com a União Soviética – ainda na década de 1960 – e, posteriormente, com o maoísmo chinês. Na segunda metade da década de 1970, a Albânia recebia militantes do PCdoB que produziam um programa noticioso transmitido para o Brasil através da Rádio Tirana, ouvida em João Pessoa pelo comunista Agamenon, praticamente sem contato regular com seus camaradas de Partido, ao menos, até 1978. Naquele ano, o PCdoB realizou na Albânia a sua 7ª Conferência Nacional, que considerou como tarefas partidárias prioritárias a luta pela anistia, pela ampliação das liberdades, pela substituição da ditadura por um governo democrático, pela convocação de uma Assembleia

---

ditadura através da luta de massas, como também com relação a outras organizações comunistas que romperam com o PCB nos anos que se seguiram ao golpe de 1964, como o PCB, o MR-8 e a ALN, mais inspiradas pela teoria do “foquismo” cubano-guevarista. Os primeiros integrantes do PCdoB chegaram no sul do Pará entre os anos de 1966 e 1967, buscando se integrar nas comunidades pobres da floresta, assumindo seu modo de vida. Entre os primeiros comunistas a chegar à região estava Oswaldo Orlando da Costa, o “Oswaldão”, que havia feito treinamento militar e político na China, e hoje consta da lista dos desaparecidos da ditadura militar. A presença dos guerrilheiros na região do Araguaia foi descoberta pelo Exército em 1972. Em abril do mesmo ano, houve os primeiros combates armados entre militares e guerrilheiros. Inseridos nas comunidades e profundos conhecedores da região, os guerrilheiros resistiram a três campanhas militares entre 1972 e 1973, apesar da inferioridade numérica e de armamentos. Finalmente, com a chamada “Operação Marajoara” (outubro de 1973 a 1974), os militares findaram por dizimar a Guerrilha do Araguaia. A ação do Exército resultou num total de 68 militantes do PCdoB assassinados e desaparecidos. Em 2010, o Brasil foi condenado pela Corte Interamericana de Direitos Humanos pelas graves violações de direitos humanos cometidas pelo Exército no combate à Guerrilha do Araguaia.

Constituinte, além do engajamento nas lutas de massas. Foi esse o rumo que Agamenon assumiu a partir de então.

A entrevista de Agamenon também apresenta sua memória de atuação nos movimentos sociais, primeiro no enfrentamento à ditadura e, posteriormente, na construção da democracia e da cidadania democrática no Brasil. No início do seu depoimento, Agamenon tratou do movimento estudantil de João Pessoa em 1968 sob a ótica do lugar que ocupou nesse movimento, a de estudante secundarista politicamente engajado e intelectualizado, sintonizado com as principais leituras de esquerda e suas bandeiras do momento, como a defesa da paz, contra a Guerra do Vietnã. Bloqueada uma atuação mais aberta no movimento estudantil com o endurecimento da ditadura –após a edição do AI-5, em dezembro de 1968, e do Decreto 477, em 1969–, Agamenon narrou como ele e outros jovens seguiram empunhando a bandeira das liberdades em outro campo – o campo da arte. Assim, surgiu o “GETEX”, Grupo de Teatro Experimental, fundado por Agamenon e outros rapazes e moças que, nas décadas que se seguiram, assumiram posições de destaque em João Pessoa nas suas respectivas áreas de atuação profissional e de militância social e política. Mais adiante, já como estudante da UFPB, Agamenon participou da reorganização do Diretório Central dos Estudantes (DCE), entre a segunda metade da década de 1970 e o início dos anos 1980. Por fim, Agamenon rememorou sua militância junto ao movimento sindical dos servidores técnico-administrativos da UFPB, sindicato, aliás, criado por ele, na primeira metade dos anos 1980. Daquele período, aparecem na narrativa de Agamenon as limitações da democracia que então se construía, com destaque para a violência policial na repressão aos movimentos sociais, testemunhada de perto por ele, herança da ditadura que contemporaneamente ainda não foi superada.

A cidade de João Pessoa aparece viva nas reminiscências de Agamenon, e muitos dos espaços urbanos são como atores ativos da narrativa que ele construiu sobre a resistência à ditadura protagonizada pela juventude pessoense dos anos 1960 e 1970. Nas palavras de Agamenon, o Colégio Estadual do Roger, o Lyceu Paraibano e o “Cine Clube Linduarte Noronha” – que reunia a juventude cinéfila e politizada na Rua das Trincheiras –, dentre outros espaços, se transformam em **lugares de memória** ou **territórios de resistência**, símbolos da memória coletiva da luta contra a ditadura e pela liberdade na João Pessoa dos anos 1960 e 1970. Assim, a entrevista de Agamenon bem evidencia como uma experiência individual de vida pode se constituir numa vigorosa matéria-prima para a análise social e histórica, como argumenta Paul Thompson.

No término da entrevista, Agamenon transmitiu uma mensagem de esperança, fundada na convicção, muito própria dos comunistas, de que o futuro reserva à humanidade a realização do socialismo – e da poesia, uma particularidade da sua personalidade. Sua história nunca lhe deu motivos para arrependimentos: “dediquei minha vida a isso, faria tudo de novo!”. Agamenon faleceu em 03 de dezembro de 2022, vitimado por um câncer. Seguiu firme na luta política e no partido ao qual dedicou sua vida, ocupando, na ocasião, a Secretaria de Organização do PCdoB da Paraíba.

*Para começar, gostaríamos que você falasse da sua origem pessoal, familiar, e sobre sua inserção na militância política.*

**Agamenon:** Eu nasci no município de Orobó, Pernambuco, em 11 de fevereiro de 1953. Em 1960, minha família mudou para João Pessoa. Vim morar no bairro de Mandacaru. Não era nessa casa aqui, mas na mesma rua. E aqui comecei meus estudos no Grupo Escolar Monsenhor Odilon Coutinho, na Rua Celina Paiva, aqui em Mandacaru, ao lado da Igreja Coração de Jesus, que alguns anos depois serviu como espaço para nossas reuniões. Minha inserção na atividade política propriamente dita se dá a partir de 1968, quando eu estudava no Colégio Estadual do Roger que, ao lado do Lyceu Paraibano, foram os principais protagonistas das jornadas estudantis de 1968 [em João Pessoa]. Claro que o movimento universitário tinha importância, mas a massa que ia para a rua era desses dois colégios. E depois passava arrastando outros. Eu lembro a gente saía em passeata do Estadual do Roger e vinha pelo Roger, saindo naquela rua lateral da padaria “Flor das Neves”, que dá na [Avenida Dom] Pedro I, onde a gente dobrava e parava no Colégio Pio XII, que funcionava na esquina da Igreja São Francisco. Pouco à frente [estava] o Colégio Lins de Vasconcelos, onde estudei do terceiro ano primário até o primeiro ano ginasial. Minha participação teve início em 1968 de forma até pitoresca. Era início do ano, eu estava numa turma nova. No horário do recreio, eu estava conversando com um colega relatando que tinha acabado de ler um livro. Essa era outra característica daquela época, a gente lia muito, tinha o hábito da leitura. Era o livro **Crimes de Guerra no Vietnã**, resultado do Tribunal Internacional contra os crimes de guerra dos Estados Unidos no Vietnã, escrito por Bertrand Russell. E na hora ia passando e de repente parou bruscamente e repetiu “Russell, Bertrand Russell”. Eu tomei aquele susto e quando me virei, tive contato pela primeira vez com Antônio Soares, que era a liderança mais importante do Colégio Estadual do Roger. Claro que tinha lá o Severino Gomes, o Bui

Gomes, presidente do Grêmio, mas a liderança mais carismática – talvez seja esse o termo – era o “Help”<sup>2</sup>. A partir daí a gente já começou uma conversa, [e] já saí de lá com outros livros que ele me emprestou. Nessa época, eu não tinha contato com nenhuma organização. Foi uma coisa mais crua mesmo, foi direto. A partir desse momento, eu começo a participar das atividades do Grêmio Estudantil Castro Alves, o GRECA, convidado por Help, comecei a conhecer o pessoal, e já integrado nas reuniões, nas atividades de rua. Logo depois acontece o assassinato de Edson Luis<sup>3</sup>, e aí o movimento toma aquele rumo... Então mais para frente nós participamos de uma reunião já semiclandestina, para a construção do congresso da União Pessoaense dos Estudantes Secundaristas, a UPES, que aconteceu clandestinamente porque a entidade estava proscrita, assim como a UNE e a UBES. Aconteceu no bairro do Castelo Branco, no CENTREMAR<sup>4</sup>, e elegeu Emilson Ribeiro<sup>5</sup> como presidente.

*Então a Igreja Católica já apoiava, de alguma maneira, o movimento estudantil aqui em João Pessoa? Naquela época o Arcebispo já era Dom José Maria Pires.*

**Agamenon:** Isso fica também evidente depois, porque nós tínhamos lá aqueles padres mais engajados, não é? Padre Everaldo que foi, se não me engano, quem rezou a missa de sétimo dia de Edson Luis. Padre Juarez era mais medroso, mas era outro que ajudava<sup>6</sup>. E nós passamos a fazer parte das atividades do “Cine Clube Linduarte Noronha”, que existia nas dependências da antiga sede da Secretaria de Educação, numa casa de esquina nas Trincheiras. As figuras que organizavam essas reuniões eram militantes principalmente do

---

<sup>2</sup> Refere-se a Antonio Soares de Lima Filho, líder estudantil secundarista no final da década de 1960, na cidade de João Pessoa. Integrou o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), tendo por isso sido processado e condenado pela Justiça Militar. O apelido “Help” estava relacionado à sua admiração pelos Beatles.

<sup>3</sup> Refere-se ao assassinato do estudante Edson Luís de Lima Souto, no Rio de Janeiro, em 28 de março de 1968, durante uma passeata.

<sup>4</sup> Refere-se ao “Centro de Treinamento Miramar” (CENTREMAR), mantido pela Arquidiocese da Paraíba no bairro de Castelo Branco, em João Pessoa, próximo ao bairro do Miramar. No local, também funciona o Seminário Arquidiocesano da Paraíba.

<sup>5</sup> Refere-se a José Emilson Ribeiro que, nos anos 1970, foi preso político na penitenciária de Itamaracá, Pernambuco, após ter sido condenado pela sua atuação em organizações de resistência à ditadura.

<sup>6</sup> Refere-se aos padres Everaldo Peixoto de Vasconcelos e Juarez Benício Xavier, que atuavam junto à Juventude Católica em João Pessoa desde o período anterior ao Golpe Civil-Militar de 1964 e que, durante a década de 1970, seguiram a linha que o arcebispo Dom José Maria Pires imprimiu à Arquidiocese da Paraíba, de defesa dos direitos humanos, de aproximação com as comunidades populares e de denúncia dos arbítrios da ditadura militar.

PCBR<sup>7</sup>, então eu acredito que o Cine Clube funcionava como uma forma de cooptação de militantes para as organizações, assim como também a UPES. Ali no Cine Clube eu tive contato com Manfredo Caldas, com José Altino, Carlos Aranha, que eram as pessoas que, eu acredito, atuavam na organização nessa área de cultura. Então 1968 foi isso: a luta de massa, a luta estudantil. O declínio do movimento, apesar de ter havido uma radicalização no segundo semestre [de 1968], já inicia a partir do 07 de setembro, porque nós fizemos a campanha pelo boicote ao 07 de setembro, então a partir daí começou a repressão. Lá no Estadual do Roger, Help e Biu tiveram suas transferências entregues e foram excluídos do colégio. E aí começa uma fase de encolhimento, né? A gente mantém o grêmio funcionando, construímos uma chapa que tinha como candidata a presidente a Antônia Trigueiro, conhecida como Vanda, irmã de Annelsina Trigueiro, colega e professora aposentada do CCTA da UFPB. Mas o grêmio foi suspenso. Aí vem o AI-5 e o [Decreto] 477, e estudantes tiveram suas matrículas canceladas definitivamente ou por tempo determinado. Então praticamente toda a liderança do movimento estudantil sai do estado, alguns caem na clandestinidade. A gente fica num grupo remanescente das chamadas “lideranças intermediárias”, mas estava num quadro de repressão, então não tinha mais atividades de massa. O que se fazia eram reuniões, debates de textos... O ano de 69 foi um pouco isso. Em 68/69, eu não fui consultado ou chamado por nenhuma organização. A gente sabia que existia o PCBR, que atuava mais no movimento secundarista, e Ação Popular e PCB no movimento universitário. PCdoB raramente a gente ouvia falar em 68. Existiam alguns militantes no movimento universitário, mas não no movimento secundarista. O meu contato com o PCdoB se deu em 1970, quando eu ainda era secundarista. Terminei em 69 o ginásio, em 70 fui fazer o científico no Lyceu. A gente teve azar pois, quando entramos no Lyceu, mudou a direção, saiu a professora Daura<sup>8</sup>. Mas ainda existia o grêmio funcionando, então, a gente organiza uma chapa, eu fico como candidato a presidente, a chapa é proibida e eles fecham o grêmio. Então, a gente cria o GETEX (Grupo Estudantil de Teatro Experimental) que atuou entre 70 e 72, com certo destaque na cena cultural de João

---

<sup>7</sup> Refere-se ao Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), dissidência do Partido Comunista Brasileiro (PCB). O PCBR foi fundado em 1968, defendendo a luta armada contra a ditadura militar e o caráter socialista da revolução brasileira, rompendo com o chamado “etapismo pacifista” do PCB.

<sup>8</sup> Refere-se à professora Daura Santiago Rangel. Nascida em Monteiro (PB) em 1908, foi professora de matemática e português e diretora do Instituto de Educação da Paraíba (IEP) e do Lyceu Paraibano, entre o final da década de 1950 e meados da década seguinte. Foi demitida da direção do Lyceu Paraibano em 1966, pelo então governador João Agripino. Foi considerada uma gestora moderna e dedicada a promover assistência aos alunos carentes.

Pessoa. No GETEX, estavam Carmélio Reinaldo, Hilton Lima, que é professor de história hoje e era lá do Roger... Altemir Garcia, Marconi Bráz, que foi inclusive o ator principal da principal peça nossa, “Os doentes”, um texto de Hilton Lima, onde contracenava com Francis Zenaide, que não era do Lyceu. Para mim, fazer teatro era uma forma de fazer política, inclusive não entendia nada de teatro, fui obrigado a ler Stanislavski, “A formação do ator”<sup>9</sup>, a ler textos e peças para entender como funcionava roteirizar e dirigir peças. Eu não era ator, eu escrevia e participava da direção com Carmélio Reinaldo e Hilton Lima. Nós ficávamos mais por trás, na organização do grupo. O GETEX fazia um teatro experimental. Nós tomamos conta daquele auditório do Lyceu, nossos textos faziam questionamentos sobre a questão da liberdade, e também organizamos debates sobre cinema, artes plásticas, teatro... Uma coisa destacada foi a semana de artes que a gente organizou no Lyceu. Hilton Lima escreveu um texto sobre os bairros, Carmélio Reinaldo fez uma adaptação de Dostoievski e de “O corvo”, de Edgar Allan Poe, transformado num monólogo tendo Altamir Garcia como ator. Nossa preocupação era usar o teatro para se comunicar e manter a movimentação viva dentro e às vezes fora do colégio. Nós só montamos um espetáculo com três peças, trabalhamos em 71 e fizemos apresentação em 72. Começamos outros textos, mas não deu tempo para a gente concluir, porque tinha vestibular e o grupo dispersou. Hilton Lima continuou, mudou o nome para “Grupo Feto” e fez ainda algumas peças, mas o GETEX encerrou em 72. [O GETEX se] reunia em Mandacaru, nos fundos da Igreja Coração de Jesus, em dia de sábado. Em 70, acredito que no mês de agosto, Hilton Lima me convida para uma conversa na casa dele, no Roger, com um militante que queria me conhecer. Eu vou, a gente se encontra no terraço da casa e ele me apresenta um companheiro que queria que lhe chamassem de “Ribeiro”, membro do PCdoB que estava aqui em João Pessoa. Foi dessa forma o meu primeiro contato. Eles eram um casal com mais outro companheiro que vieram para cá [organizar] o que chamavam de “célula de instalação” do partido para reorganizá-lo no estado. A partir daí eu já entrei de cara! Esses três depois soube que vieram do Ceará. Depois eu digo o nome verdadeiro do “Ribeiro”. E a gente fica com a missão de organizar a célula, [de] onde vão sair os primeiros membros do PCdoB que eu recrutei. O Hilton Lima fazia parte, mas não se encaixava. Ele ajudou, fez a ponte, mas não chegou a ser recrutado para o partido. Participava das ações, porque ele tinha tendência trotskista forte, anárquico, e conscientemente, ele não

---

<sup>9</sup> Refere-se ao livro “A preparação do ator”, do russo Constantin Stanislavski.

optava pela disciplina partidária. Então eu constituo o grupo, do qual faz parte Marconi Braz. Veja bem, esse primeiro contato foi muito ainda na conversa. Em seguida, na próxima reunião, eu recebo o estatuto e o Manifesto-Programa vigente à época. Então a nossa discussão seguinte já foi um pouco em cima daqueles princípios do estatuto, o que representa as instâncias, como funciona o partido, o que é “organização de base”, como é a estrutura organizativa... Então era o estatuto e raramente o jornal “A Classe Operária”, que circulava impresso em mimeógrafo. “A Classe...”, aliás, tinha o luxo que eles conseguiram fazer o cabeçalho, “A Classe Operária”, em serigrafia vermelha em alto relevo. Ficava bonito, imprimia a primeira parte no mimeógrafo e depois imprimia em cima o cabeçalho. Eu entrei e recebemos uma tarefa de participar da organização da campanha do voto nulo nas eleições de 1970. Esse primeiro núcleo era eu, Marconi Braz e Fernando Farias, o “Fernandinho da Clau”. E ainda chegou a participar de atividades Hilton Lima. Eu consegui chamar um menino que foi do meu tempo do Roger, o Alcides, que era irmão de uma companheira que era de Ação Popular, que foi esposa de José Rodrigues depois, Aline. Eu consegui contato com um morador aqui do bairro que era universitário e através dele se organizou um núcleo de universitários, acho que mais dois universitários. E fizemos as ações. A primeira foi a “campanha do X”, que era sair de noite com tinta vermelha fazendo X nos muros, para chamar a atenção. Uma semana ou quinze dias depois, a gente voltava e ao lado do X escrevia em preto: “vote nulo”. E a terceira fase, já próximo da eleição, foi a panfletagem: “Fora ditadura! Vote nulo!” E essa panfletagem foi feita por grupos: o que eu participava junto com um colega que depois foi professor de matemática na UFPB, Rômulo, e o outro grupo, em que estava um desses do Ceará, e que, por azar, foi pego pela repressão fazendo panfletagem. Aí os outros dois foram embora, e a gente fica solto. Como tinha muita discussão sobre as normas de segurança, então rapidamente trata de isolar as pessoas e também contar um pouco com a sorte, porque o cara que caiu tinha me conhecido, mas tudo indica que não falou, não tive mais notícia dele depois disso. Então eu fico solto, sozinho...

*Em 1970 o PCdoB estava no Araguaia, inclusive parte da sua direção nacional. E o movimento estudantil era uma forma de recrutamento de guerrilheiros. Essa discussão sobre o Araguaia chegou para você? Vocês tinham ciência de que o partido estava lá no Araguaia?*

**Agamenon:** Não, aí era segredo. O que a gente sabia era que diante da repressão e da possibilidade de perseguição, que se mantenha a mochila pronta, porque pode precisar sair a



qualquer momento. Então eu me preparei em casa, inclusive todo o processo psicológico que a gente passa, para tentar preservar a família, não dar nenhuma informação. Então eu tinha a mochila pronta, eu sabia que a qualquer momento eu poderia ser mandado para qualquer lugar. E não fui [para o Araguaia], senão hoje seria uma estatística, talvez não estaria contando essa história. Nesse período, teve umas duas tentativas de rearticulação. Eu lembro que uma vez chegou um cidadão me procurando no meu trabalho em uma gráfica na [Avenida] Duque de Caxias, deixou algumas “Classes Operárias”, isso em 71, e depois não tive mais contato. Nesse meio tempo, eu tinha tentado reaver uma mala de documentos do partido que eu acredito que o Ribeiro deixou com Seu Dantas<sup>10</sup>, que não era militante, mas ajudava o partido... E também Seu Raimundo Fontes, pai de Ednaldo e de Edmundo Fontes<sup>11</sup>. Eu fiquei sabendo que tinha, não sei se membro ou simpatizante, que era pai do [jornalista] Silvio Ozias, o velho Ozias, que eu tive na casa dele para conversar sobre os programas da Rádio Tirana. Eu me mantinha informado pela Rádio Tirana. Na ausência de contato, o canal que a gente se orientava era a rádio Tirana, que lá estava Bernardo Joffily e sua esposa [Olívia Rangel], que eram radialistas que comunicavam para o Brasil<sup>12</sup>. Nós ouvíamos a Rádio Tirana via ondas curtas, e tinha informações sobre a resistência no Brasil, a guerrilha urbana e a luta do campo. Mas só tivemos a informação sobre a Guerrilha do Araguaia quando ela foi deflagrada. Soubemos via Rádio Tirana e documentos. Nesse meio tempo havia algum canal de comunicação. Por exemplo, o José Rodrigues desde 71 já estava aqui em João Pessoa e ele era de AP<sup>13</sup> e se não me engano já tinha aceitado entrar no PCdoB. Mas o contato dele não era comigo, era com um dirigente, não sei se de Pernambuco ou de outro lugar. Ele era goiano. Aí nesse meio tempo a gente já recebe material. Eu não terminei de contar a história da mala, não foi? Teria uma mala com diversos documentos importantes do partido que estava com o Seu Dantas, que era preso por qualquer motivo... Tinha que tirar esses documentos, mas também

---

<sup>10</sup> Refere-se a Antônio Dantas, fundador da Liga Camponesa de Santa Rita, em 1963, quando havia rompido com o PCB e se aproximado do grupo do deputado estadual de Pernambuco, Francisco Julião.

<sup>11</sup> Refere-se aos irmãos que iniciaram a militância no PCdoB no final dos anos 1980.

<sup>12</sup> Na década de 1970, o PCdoB, com apoio do governo da Albânia, país socialista com quem mantinha relação política, enviou militantes para trabalharem na Rádio Tirana, onde produziam programas falados em português, que eram uma importante forma de comunicação do PCdoB com seus filiados e simpatizantes no Brasil.

<sup>13</sup> Refere-se à Ação Popular (AP). Organização da esquerda católica formada em 1962 por militantes oriundos da Juventude Universitária Católica (JUC), influenciada pelo socialismo cristão. Após o golpe de 1964, a AP progressivamente assumiu uma postura favorável à luta armada, aproximando-se de Cuba e, principalmente, da China. Em 1971, a AP sofreu um racha e, enquanto um grupo minoritário criou a Ação Popular Marxista Leninista (APML), a maioria dos seus militantes decidiu pela incorporação no PCdoB. A partir da década de 1980, importantes dirigentes do PCdoB eram antigos militantes da AP, como Renato Rebelo, Aldo Arantes e o paraibano Simão Almeida Neto, deputado estadual da Paraíba eleito pelo PCdoB em 1990, falecido em 2021.

ficava preocupado porque não podia ficar comigo. Então tive que arranjar pessoas para guardar esse material. A tentativa que eu fiz e não deu certo foi com nosso senador, Idalmo<sup>14</sup>. Fui apresentado a ele através de Seu Dantas. Eu marquei uma reunião com Idalmo, ele me chamou para uma conversa dentro de uma capoeira por trás do tabernáculo de Jaguaribe. Quando eu disse o que queria, ele deu uma “batida de pino”<sup>15</sup> e olhou para cima: “rapaz, nessa hora pode estar passando um satélite de CIA lá em cima e pode estar filmando”... Aí, resultado, não deu certo (risos). Mas a partir de 72 é que a gente começa a ter uma relação mais permanente [com o Partido]. Aí como eu havia conhecido, que fizemos vestibular juntos, Alberto Magno<sup>16</sup>, que tinha cumprido pena, e aprendeu a fazer chinelo na cadeia, quando saiu botou uma oficinazinha de chinela ali na Praça da Pedra, funcionava no sótão daquele prédio de esquina, uma escadaria que a gente subia se equilibrando para não cair. Aí eu estabeleço contato com Alanir Cardoso<sup>17</sup> e a gente discutia, “vamos tentar fazer uma coisa pra ajudar os camaradas que estão lá”... Aí não sei se foi Alberto que deu a ideia de fazer chinelo, tipo chinelo dos cangaceiros que tinha o salto na frente, o salto invertido, o cara andava tinha a impressão que estava voltando... (risos) Mas esse projeto não foi para frente porque acontece o extermínio da Guerrilha e Alanir é preso em Pernambuco, junto com aquele pastor americano em Recife<sup>18</sup>, e nós cortamos os contatos. Então minha relação com o partido entre 70 a 75, foi sempre assim, contato com dirigentes, uma rápida conversa, orientação e às vezes se perdia, mas já tinha contato com outro. Ou seja, não conseguimos ter um funcionamento orgânico permanente. A orientação inclusive era fingir-se de morto, não fazer atividade de massa, para evitar a repressão. E eu tive contatos com essas pessoas sempre com muita sorte, como com “Ribeiro”, que era o Pedro Albuquerque<sup>19</sup>, que saiu daqui e foi direto para a

---

<sup>14</sup> Refere-se a Idalmo da Silva, que foi candidato a senador, em 1982, pelo PT da Paraíba.

<sup>15</sup> Gíria paraibana usada para dizer que a pessoa se acovardou.

<sup>16</sup> Refere-se a Alberto Magno Gondim, militante do PCBR, que foi preso e condenado, sob acusação de “subversão”, e cumpriu pena no Presídio do Roger.

<sup>17</sup> Refere-se a Alanir Cardoso, goiano e militante do PCdoB em Pernambuco, preso pela ditadura militar em Recife, em 1974, sendo submetido a diversas torturas.

<sup>18</sup> Refere-se a Frederick Birten Morris, pastor da Igreja Metodista, preso em 1974 no Recife junto com Alanir Cardoso, sendo submetido a várias torturas. O Pastor Morris foi posteriormente expulso do Brasil, só tendo restituído seu direito de entrar no país em 1988. Vide <https://www.metodista.org.br/fred-morris>

<sup>19</sup> Refere-se a Pedro Albuquerque Neto, o primeiro guerrilheiro do Araguaia preso pela repressão, em fevereiro de 1972, no Ceará. Pedro, junto com sua esposa, Tereza Cristina, militante também presa, teriam delatado a existência da guerrilha, sob tortura. Informações mais recentes dão conta de que, quando da prisão de Pedro e de Tereza, o Exército já sabia da existência da Guerrilha do Araguaia. Sobre o assunto, vide o Relatório da Comissão Nacional da Verdade.

guerrilha, com a esposa. E durante um tempo até se imaginou que eles tinham entregado [a guerrilha], mas depois se confirmou que não aconteceu isso. Eles foram, ela engravidou e era proibido, né? Ela engravidou [no Araguaia], eles fugiram e terminaram presos.

*A incorporação da AP pelo PCdoB foi vivida aqui na Paraíba ou foi só mais adiante, depois da abertura?*

**Agamenon:** A gente toma conhecimento, mas não vivenciamos, eu só vou ter contato com as pessoas de AP, primeiro, com Zé Rodrigues, que é como eu tomo conhecimento que aconteceu [a incorporação da AP]. Ele estava aqui [em João Pessoa] trabalhando na Toalia, na fábrica<sup>20</sup>, mas estava em quarentena porque tinha tido uma prisão. Então passamos uns dois anos sem ter contato nenhum, só depois fomos apresentados. Gerson Carlos, que depois virou fotógrafo, também estava conosco, desde os tempos do Roger. Acredito que foi em 72, os primeiros documentos sobre a guerrilha do Araguaia que chegaram aqui. Entre esses tinha uma carta a um deputado federal, que foi um documento elaborado pela União pela Liberdade e pelos Direitos do Povo, ULDP, que era uma organização de massas que eles tentavam criar lá na região, e chegou aqui e a gente circulou esse material. E aconteceu de Gerson pegar essa carta e repassar para Rosa, a companheira dele, que não era do partido, era uma pessoa que vinha desses movimentos culturais, fazia parte de um grupo chamado “Aquários”, meio *hippies, underground*, o que era muito visado pela repressão também, pelo combate às drogas. Era como uma comunidade que eles tinham, e pegaram com Rosa a carta ao deputado, documento quentíssimo da Guerrilha do Araguaia. Então ela foi presa, e a gente ficou muito preocupado e imediatamente conversamos com Zé Rodrigues e articula de tirar Gerson daqui. Nós o levamos para o Ceará, e em seguida Zé Rodrigues também foi para o Ceará, e eu fico sozinho aqui torcendo para Rosa não falar meu nome. Mas ela fica um tempo presa e depois ela é liberada. Eu acredito que ela tenha sido liberada para eles tentarem rastrear, ver se alguém fazia contato com ela. Então, eu acho, eu contei muito com a sorte também... Em 74 para 75, o que era possível fazer eu fazia, atuando principalmente para retomar o movimento estudantil. É quando acontece a implantação do sistema do “*ticket* estudantil”<sup>21</sup>, que nós recebemos como uma ameaça ao direito do abatimento dos 50% nas passagens nos transportes

<sup>20</sup> Refere-se à antiga fábrica de produtos têxteis Toalia, sediada no Distrito Industrial de João Pessoa.

<sup>21</sup> O “*ticket* estudantil” era um vale-transporte, impresso em papel, vendido para estudantes pela metade do preço de uma passagem nos transportes públicos de João Pessoa, durando, aproximadamente, até o início dos anos 2000.

coletivos. Então em 74 fui estruturando um grupo, sem me identificar como partido, para fazer a resistência contra o *ticket*, que fez abaixo-assinados, reuniões e envolveu meio mundo de gente da universidade e da Escola Técnica. Nesse período, o pessoal da Escola Técnica inclusive era organizado: Sônia Germano, Vanderli Farias, Lúcio, Luciano que foi do MEL<sup>22</sup>... Acho, nessa época, eles eram ligados ao PCR. Como eu era proibido de fazer qualquer atividade, eu passei no vestibular, mas só podia entrar na universidade mediante uma sessão lá na ASI<sup>23</sup> e assinar um protocolo, uma pilha de documentos, me responsabilizando. Isso foi em janeiro de 73. Eu fiz o vestibular em 72 e para poder matricular fui chamado pela ASI, que funcionava na sobreloja do prédio da Reitoria na Lagoa. Esse momento foi engraçado porque eles davam uma ideia de organização, de disciplina, então você tinha que estar na hora, meu horário era 13h25, e os que estavam na sequência para serem também ouvidos foram dois que fizeram prova comigo na minha sala no vestibular, Abraham Lincoln e Alberto Magno. Abraham Lincoln, que depois foi juiz, inclusive presidente do TRE, coitado, nunca teve nada com o movimento estudantil, com esquerda, e foi chamado porque na época era muito comum os estudantes terem correspondentes estrangeiros. Minha irmã aqui tinha trocava selo com estudantes da Europa, e o Abraham Lincoln se correspondia com um cara da Tchecoslováquia, na “Cortina de Ferro”, então... “esse cara é perigoso!”...

*Esse é um período crítico para as esquerdas em geral e para o PCdoB em particular. Tem o genocídio do Araguaia. Em 1975, o partido começa a tentar se reorganizar, mas em 1976 vem a “Chacina da Lapa”<sup>24</sup>.*

**Agamenon:** Isso, era muito difícil. Com a prisão de Alanir Cardoso eu passo um período, acho que mais de um ano, sem contato. Mas nesse meio tempo a gente começa a se organizar, cria o movimento da luta contra os *tickets* e já monta em 76 o processo de tomada do DCE da UFPB, que foi o movimento “Refazendo”, que conseguiu eleger os Diretórios Acadêmicos de

---

<sup>22</sup> MEL, Movimento do Espírito Lilás. Fundado em 1992, foi um dos primeiros movimentos sociais vinculados à causa LGBT em João Pessoa.

<sup>23</sup> Assessoria de Segurança e Informação (ASI) da UFPB. Parte do “Sistema Nacional de Informações” (SISNI), responsável pela vigilância da ditadura nas repartições e órgãos públicos em todo o país.

<sup>24</sup> A “Chacina da Lapa” foi uma operação do DOI-Codi do II Exército, realizada em dezembro de 1976 no bairro da Lapa, em São Paulo, que atingiu uma casa onde se realizava clandestinamente uma reunião do Comitê Central do PCdoB. Como resultado, foram assassinados os comunistas Pedro Pomar, Ângelo Arroio e João Batista Drummond, e presos outros dirigentes. Posteriormente, descobriu-se que a reunião foi delatada por Jover Telles, membro do Comitê Central do PCdoB e veterano militante comunista, que havia se convertido em um “cachorro”, denominação que o Exército dava para militantes de esquerda que mudavam de lado e se tornavam agentes infiltrados da repressão nas suas organizações.

28 cursos. Aliás, não era DA, eram representantes de cursos, que eram eleitos por voto direto e elegiam o DA do seu centro. Então foi dessa forma, já em 76, a gente elegeu o DCE de forma indireta. Severino Dutra foi o presidente. Eu não podia participar da chapa, tinha outro colega, Erivaldo<sup>25</sup>, foi até presidente do Sindicato dos Médicos de São Paulo depois, Erivaldo foi do [Colégio Estadual do] Roger com a gente, que era também fichado e não pôde integrar a chapa, Hilton Lima não pôde, vários que éramos fichados como estudantes secundaristas não pudemos fazer parte da chapa. Mas eu fui nomeado secretário, participei da gestão do DCE até 82/83. Em 77, tenho um contato com um companheiro do Partido na Bahia, através do movimento estudantil, do “Caminhando”, que era a tendência do PCdoB no movimento estudantil em São Paulo. O partido era mais [expressivo] no movimento estudantil na Bahia, dirigindo o DCE e também o DCE em Alagoas; e a gente começa a flertar pela identificação do discurso. Aí, eu acho que em 77/78, vinha aqui Olival Freire<sup>26</sup>, o nosso homem da física quântica, para organizar o partido, através de Vladimir, e Walter [Dantas, irmão de Vladimir] me chama para uma reunião na casa dele. Aí Olival se apresenta como PCdoB, e eu disse que não precisava porque nessa época eu já tinha estabelecido um canal com a direção. Aí ele disse: “muito bem, tá legal, tá tudo certo”, e voltou (risos). Outro elemento muito importante nesse processo de reorganizar o partido foram os jornais. Primeiro o jornal “Movimento”, que eu fui o responsável aqui na Paraíba. O Movimento lá em São Paulo tinha uma direção política basicamente do PCdoB, além de Ozeas, que foi da AP e não entrou no PCdoB<sup>27</sup>, mas que tinha a mesma linha, e quando acontece o racha lá em São Paulo, o grupo que saiu do partido tomou o “Movimento”. Então sai a “Tribuna Operária”<sup>28</sup>, cujo representante aqui sou eu. A Tribuna foi um fator de emulação dentro do partido, o cara tinha orgulho de ser “tribuneiro”... E era interessante porque era um momento onde havia avidez de informação, de denúncias, o regime [militar] já se encontrava enfraquecido e havia aquela força contida de reação do povo, que explodiu depois nas grandes manifestações das Diretas Já. As lições do

---

<sup>25</sup> Refere-se a José Erivaldo Guimarães Oliveira.

<sup>26</sup> Refere-se ao físico baiano Olival Freire Júnior, professor da UFBA e filiado ao PCdoB desde a década de 1970.

<sup>27</sup> Provavelmente, refere-se a Ozeas Duarte que foi militante do PCdoB, mas se desligou no final dos anos 1970, no racha impulsionado pela chamada “Dissidência” ou “Esquerda do PCdoB”.

<sup>28</sup> “Tribuna Operária” ou “Tribuna da Luta Operária”, jornal criado pelo Comitê Central do PCdoB em 1979, após a crise política com o grupo que passou a controlar o jornal “Movimento”.

velho Lênin, no *Iskra*<sup>29</sup>, eram do jornal como fator de organização do partido, você ia formando [politicamente a militância] a partir do jornal, adquirindo novos membros e organizando núcleos. Cada grupo tinha sua quota de jornal para vender, a gente fazia muita venda nas feiras, na Lagoa, no Ponto de Cem Réis... Foi uma experiência muito interessante. E a partir daí a gente passou a se estruturar. [A Tribuna] era uma espécie de funcionamento camuflado do partido. A sede do jornal em João Pessoa era numa casinha na Av. Dom Pedro I, ao lado do colégio Pio X, onde funcionava uma construtora de um colega nosso do movimento estudantil da universidade, Raimundo Nunes, que cedeu uma sala pra gente. E ali a gente fazia as reuniões. E foi nesse local que eu conheci, participando com a gente, Cida [Ramos] e a irmã. Aí a gente foi estendendo “A Tribuna” com uma sucursal em Campina Grande, em Patos, e com ela se ajudou a irradiar o partido pelo estado. Teve episódios de repressão, de a Polícia Federal prender jornal, por conta de algumas edições que foram proibidas, tomadas nas gráficas, por contas das manchetes, né? Eu lembro uma que tinha Figueiredo com a cara esquisita, como se tivesse chupando limão, e a manchete era: “Figueiredo engoliu a bomba”. Eu acho que era alguma coisa referente à bomba do Riocentro<sup>30</sup>. Houve algumas tentativas de tomar jornal aqui. A Tribuna chegava na Paraíba pela VASP<sup>31</sup>, vindo de São Paulo. Era quase o mesmo esquema dos tempos do “Movimento”. Quem pegava era geralmente eu, que era o chefe da sucursal e já tinha carro na época, às vezes Anchieta. Eles às vezes iam prender o jornal lá no aeroporto, só que a gente tinha feito amizade com o funcionário da VASP... Teve época de a gente receber quatro mil jornais aqui, mas geralmente eram dois fardos de quinhentos. Aí esse funcionário da VASP escondia um fardo e deixava o outro lá, e quando a Polícia Federal chegava, só levava aquele que estava lá, porque ele dizia: “é só esse!” E depois entregava para nós o fardo que sobrava.

*Após sua 7ª Conferência, realizada na Albânia em 1978/1979, o PCdoB se aproximou do MDB, e participou da eleição de 1982 lançando candidatos pelo PMDB<sup>32</sup>. Nesse período,*

---

<sup>29</sup> Refere-se ao jornal “Iskra”, órgão do Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR), publicado entre 1901 e 1905, contando com a colaboração de Lênin.

<sup>30</sup> Refere-se ao atentado terrorista praticado por militares de extrema-direita no show comemorativo ao Dia do Trabalho, promovido pelo “Centro Brasil Democrático” (CEBRADE) no Riocentro, no Rio de Janeiro, em 30 de abril de 1981. Sobre o assunto, vide o Relatório da Comissão Nacional da Verdade.

<sup>31</sup> VASP, Viação Aérea São Paulo, tradicional empresa aérea brasileira, extinta em 2005.

<sup>32</sup> Após a reforma partidária de 1979, que permitiu o fim do bipartidarismo, o MDB (Movimento Democrático Brasileiro) passou a se chamar PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro).

*também tinha se organizado o chamado “MDB Jovem”, não sei se você chegou a participar. Queria que você falasse um pouco desse momento.*

**Agamenon:** A nossa experiência de voto nulo foi só em 70. Em 74 já passamos... aliás, [1974 foi] a primeira campanha pela televisão, o nosso senador aqui em Pernambuco – “sem ódio e sem medo”<sup>33</sup>–, Marcos Freire... E de fato a gente já participa de forma organizada, dentro do MDB, nas eleições de 82. Eu já estava no “MDB Jovem”, com Anísio Maia, João Fernandes, de Campina Grande... Logo depois, com a participação de Zé Rodrigues, a gente estrutura o “Movimento Trabalhista do MDB”, que tinha o slogan – “terra, trabalho e liberdade” – e marca própria, que era a do MDB e uns caboclinhos com o braço levantado. Em 82, teve eleição, e o partido lançou dois irmãos candidatos a vereador, Walter e Vladimir Dantas. Vladimir já estava dirigindo aqueles movimentos contra a carestia, por moradia, fazia manifestações de rua com duas mil pessoas, então ele era o candidato principal. Mas Walter era da juventude, do movimento estudantil, estava na direção da UBES nessa época, e inclusive atrasa a vinda para cá para fazer campanha, chegou faltando um mês da eleição, porque estava em São Paulo. Chega e vem direto do aeroporto para um comício em Jaguaribe. E levou uma sonora vaia no comício! Ele chegou um entusiasmo danado, era excelente orador, e quando entra ele diz “povo de Cruz das Armas”, aí a turma: “uuuuuuh”... Estava em Jaguaribe! (risos). E no movimento trabalhista participava o pessoal da área sindical. Eu lembro que a campanha que a gente lançou pelo movimento trabalhista era uma dobradinha de Simão [Almeida], candidato a deputado estadual, com Wanderley Caixe, candidato a deputado federal<sup>34</sup>. Na direção regional, como chamava na época, já estava Zé Rodrigues, numa direção, vamos dizer, informal. Uma direção provisória que era basicamente eu, Zé Rodrigues e já tínhamos o pessoal do movimento estudantil da universidade. A gente já estava constituindo uma célula do partido na Toalia, de operários, e de bairro, em Cruz das Armas. E aí com a chegada de Simão, com a anistia, é que é constituído o Comitê Regional. Eu acho que a primeira constituição era Simão, eu, Zé Rodrigues, se eu não me engano, Romero Antônio...

---

<sup>33</sup> “Sem ódio e sem medo” foi o slogan utilizado pela vitoriosa campanha de Marcos Freire ao senado pelo MDB de Pernambuco, em 1974.

<sup>34</sup> Os irmãos Walter e Vladimir Dantas e Simão Almeida eram militantes do PCdoB. Wanderley Caixe era advogado da Arquidiocese da Paraíba, atuando em defesa dos camponeses, e era ligado ao setor “prestista” do PCB, ou seja, à dissidência do partido liderada por Luís Carlos Prestes. Todos foram candidatos pela legenda do PMDB, já que os partidos comunistas seguiam proscritos, só conseguindo registro legal em 1985.

*Quando é que você entra na UFPB como servidor? Porque você já ingressa no movimento sindical lá, né?*

**Agamenon:** Eu entro como funcionário na UFPB em 80, ainda naquele sistema de contratação precária, que renovava no ano seguinte. Depois, em 82, acontece o enquadramento e eu passo a ser efetivo. A gente tem lá na UFPB um celeiro muito importante, os nossos principais quadros saem dali da UFPB. Principalmente do movimento estudantil. Nós tínhamos uma base grande, com muitos quadros. A gente [da UFPB] tinha quase que a obrigação de todo ano mandar um quadro pra UNE. Lindbergh Farias foi do partido aqui. Só depois de 84 que a gente inicia a participação no movimento de funcionários. Ainda era proibido ter sindicato, mas de 83 para 84 a gente cria a Associação de Funcionários da UFPB –AFUF. E foi uma coisa assim criada consensualmente, então estavam lá pessoas que não sei se já eram do PT na época – Edvaldo Rosas, Chico Ramalho, Luciana Rangel... Mas estavam Sérgio Botelho, Seu Lima, Madruga, eu, que era funcionário do HU, e Mário Lucena, que foi o presidente. Ou seja, era uma articulação muito plural. Em 84, acontece o congresso da FASUBRA<sup>35</sup> em Natal, e nesse congresso a gente tem uma mobilização muito grande na Paraíba. A gente participa com duas associações, uma representação da AFUF e uma representação da ASSUFEP<sup>36</sup>. E lá se estabelece uma grande batalha pela direção da FASUBRA, que era dirigida por um pelegão chamado Cavalcante, eterno presidente da federação, e lá do partido tinha eu, Cristiano [Zenaide], Jordane [Menezes], Arminda [Mourão] – que foi reitora da UFAM, era funcionária na época –, um companheiro de Alagoas e Alice Portugal<sup>37</sup>. E Alice foi quem detonou lá. O discurso dela a pelegada tremia. E no final da história, por uma votação apertada, a gente consegue derrubar o pelego da FASUBRA. Só que quando a gente chega aqui, Edvaldo Rosas dá um golpe e exclui a gente tudinho da direção da FASUBRA e a gente fica de fora até da direção da AFUF. A gente fazia parte da direção da AFUF, mas para irem mais delegados nós tiramos uns delegados pela AFUF e outros pela ASSUFEP. Aí a gente fica de fora [da direção] até 99. Isso foi em 84 e a

---

<sup>35</sup> A FASUBRA, atualmente denominada Federação de Sindicatos de Trabalhadores Técnico-Administrativos em Instituições de Ensino Superior Públicas do Brasil – FASUBRA SINDICAL – foi fundada em 19 de dezembro de 1978, sob a denominação de “Federação das Associações de Servidores das Universidades Brasileiras”, segundo o seu sítio na internet - <https://fasubra.org.br/historico-da-entidade/>

<sup>36</sup> ASSUFEP – Associação dos Servidores da Universidade Federal da Paraíba.

<sup>37</sup> Deputada Federal pelo PCdoB da Bahia desde 2003, após ter cumprido dois mandatos sucessivos como deputada estadual.



gente fica aí apanhando... (risos) e ficamos participando do movimento sindical, mas sem participar da direção. Só em 99 assumi a coordenação geral do Sintesp<sup>38</sup>.

*Em 1983 teve a prisão, pela Polícia Federal, de cinco militantes do PCdoB em Campina Grande que estavam fazendo propaganda do VI Congresso do partido. Como foi o episódio?*

**Agamenon:** Essas atividades aconteceram aqui [em João Pessoa] também, mas lá o pessoal de Campina caiu, foram presos. A prisão motivou uma mobilização grande, vieram vários deputados do partido de outros estados. Luciano Siqueira, que era deputado por Pernambuco, e o nosso deputado em Alagoas, Eduardo Bonfim, ambos eleitos pelo PMDB. Tinha havido prisão também em outros estados, mas era um momento em que a repressão ao partido não tinha assim tanta força. Os problemas que a gente estava enfrentando já eram de outra ordem, que era a repressão ao movimento de massa. Josildo Dias<sup>39</sup> apanhou bastante aqui. Também Conceição, a mulher de Vladimir, nas manifestações que a gente fazia e terminava... Edmundo [Fontes] eu me lembro que uma vez, numa luta por causa do aumento do transporte, levou um tiro em frente a uma garagem. A bala passou raspando e queimou o pescoço dele... Do VI Congresso a gente participou aqui do debate das teses. Mas a delegação da Paraíba foi só de dois delegados, salvo engano, foram Simão e Zé Rodrigues. E a sua plenária final, se eu não me engano, foi feita segmentada, por região. Não juntaram todo mundo na mesma sala, não. Exatamente por medida de segurança.

*Você poderia falar da participação do partido na campanha das Diretas Já e, depois, da campanha de Tancredo?*

**Agamenon:** A gente teve um envolvimento muito grande nas atividades das Diretas Já aqui em João Pessoa. O partido já tinha uma militância muito respeitada aqui, tínhamos influência em algumas entidades, tinha o movimento estudantil, tinha alguns sindicatos que a gente já conseguia puxar e sempre fomos bons nessa questão do trabalho de frente, né? Então a gente fez um trabalho junto com o PMDB, com outras forças de esquerda e tivemos uma participação importante na organização no primeiro ato aqui [em João Pessoa]. Segundo me recordo, acho que foram estimadas vinte e cinco mil pessoas no comício das Diretas ali na

---

<sup>38</sup> SINTESPB – Sindicato dos Trabalhadores em Ensino Superior do Estado da Paraíba. Fundado em 1989, sucedeu a AFUF.

<sup>39</sup> Militante do PCdoB no movimento comunitário em João Pessoa, nas décadas de 1980 e 1990.

Lagoa. E depois disso, a decepção pela não passagem [da Emenda Constitucional] das Diretas. Porque foi uma grande campanha, que mobilizou realmente a massa, era o povo realmente na rua, com vontade de votar, com vontade de eleger presidente e veio a frustração pela não aprovação.

*E como, diante dessa tua militância, tua família se comportava?*

**Agamenon:** A minha família olhava atravessado. (risos) Minha mãe, assim, não tinha muita noção, né? Minha irmã não se incomodava, meu irmão já não morava aqui, eu morava com o meu pai, minha mãe e minha irmã. Meu pai raras vezes fez algum comentário. Ele tomou alguma atitude, duas vezes, em 68, me proibiu de ir... Eu também era muito novo, tinha 14 anos, ou era 15. Me proibiu de ir a uma manifestação, aquela que quebrou o pau, ali de frente da Catedral, que a polícia cercou todas as saídas. Apanhou gente de todo lado. Inclusive o velho Otacílio Queiroz, que era professor de Direito da universidade. Foi deputado federal... Então, essa eu não fui. O filho dele era do PCB, não era? Everardo, não é isso? Era o presidente do DCE, na época. Bom, essa foi uma vez. A outra foi o seguinte. Dia 06 de setembro de 68, quando a gente sai do Roger, a direção do Grêmio entrega pra gente um pacote de panfleto, que era pra distribuir de noite, conclamando o povo a boicotar o 07 de setembro. Aqui ao lado morava meu primo, que era DA de Medicina, com João Roberto<sup>40</sup>. Aqui ao lado era a casa de Vicente Antônio, que era o presidente do DA de Engenharia. E ali, mais adiante, tinha Rômulo Marinho, que foi professor de matemática na universidade. Aí eu chamei os quatro para fazer essa panfletagem às dez horas. Aí, na minha casa não tinha esse terraço, era mais estreitinho, e na esquina, na quina do muro, tinha a barraquinha do meu pai, que vendia picolé, banana... E ele escutando a conversa. Quando foi perto de dez horas, Rômulo vem e disse: “Agamenon, não vai dá para a gente fazer, porque tem polícia por todo canto na rua, a gente vai deixar para a meia noite”. Aí meu pai encostou e disse: “você não vai não, vai para dentro dormir!” E naquele tempo a gente obedecia a pai, né? (risos). Aí Rômulo disse: “Não se preocupe não, pode ficar, a gente faz, a gente resolve”. Eles foram fazer, e eu fui dormir. Quando é no outro dia, eu acordo cedo, levanto doido para saber como é que foi. Meu pai estava na barraquinha, cheio de gente, aí quando me viu, disse: “Eu disse... Tá ali, tudo preso. Se tu tivesses ido, tava preso também”. (risos) Aí foi o maior bafafá: “presos os comunistas de Mandacaru”... Era gente na rua para ver os comunistas de Mandacaru. Eu sei

---

<sup>40</sup> Refere-se a João Roberto Borges de Souza, militante da Ação Popular, que foi encontrado afogado em situação misteriosa em um açude em Catolé do Rocha (PB), em 1969.

que eles ficam presos até onze da manhã, mais ou menos, e foram soltos. Isso foi em 07 de setembro de 1968.

*Fechando, fique à vontade para fazer suas considerações finais.*

**Agamenon:** Talvez muitos momentos, muitos fatos, eu tenha perdido, né? São lapsos mesmo de memória. Eu estou até pedindo ajuda a algumas pessoas, porque eu estou tentando escrever um pouco essa minha história. Então pode ter muitas lacunas. Se pegar algum contemporâneo, pode até encontrar alguma divergência, complementar coisas. Mas quero dizer o seguinte: que essa história é a minha história, que são cinquenta anos, completa esse ano, cinquenta anos de militância no partido. Para mim é como se eu tivesse começado ontem, né? Porque, desde aquele momento lá em 1970, quando aceitei entrar no partido, me foi colocado um pouco essa visão de mundo, né? Eu fiz uma opção por uma concepção de vida. E pra mim ela é cada dia mais atual. Eu acho que não vou ver, né? Mas o futuro é o socialismo, é esse o caminho da humanidade. Talvez a gente esteja vivendo um pouco de barbárie hoje. Mas eu acho que os horizontes ainda se descortinarão para esse mundo de liberdade, de bem-estar social, de satisfação plena de todo o povo, especialmente dos trabalhadores. Eu acredito nisso, dediquei minha vida a isso, faria tudo de novo! Talvez eu errasse menos, mas faria tudo de novo. Aliás, pretendo fazer ainda um bocado, né? Vamos ver até quanto a saúde permite, mas estamos aí! Vamos pra frente, vamos para a luta! Aqui, em tempos de pandemia, a gente faz pelo menos poesia.

Recebida em: 24/04/2023

Aceita em: 19/07/2023